

O balanço da derrota eleitoral de 5 de Junho e o futuro

Moção

Nas eleições legislativas antecipadas de 5 de Junho de 2011, a direita alcançou uma vitória expressiva e o Bloco de Esquerda sofreu uma derrota eleitoral inequívoca, perdendo metade da votação alcançada em 2009 e do seu grupo parlamentar, reduzido de 16 para 8 deputados.

A nível distrital a votação do Bloco seguiu o mesmo padrão, baixando de 10,06% para 5,19%, valor exactamente igual à média nacional das legislativas 2011. A acentuar esta derrota, o PSD voltou a eleger um deputado no distrito de Beja, ao fim de 16 anos (e que se anuncia como um dos porta-vozes mais fiéis da *troika*) e o próprio CDS ultrapassou a votação do Bloco.

Reconhecer a dimensão da derrota eleitoral é o primeiro passo para superá-la, procurando as suas causas e combatendo os seus efeitos negativos. E também para fortalecer o Bloco como pilar indispensável na resistência à devastação social anunciada pela direita e pela construção de uma alternativa de esquerda que não pode contar com o PS, nem sequer como oposição à direita no poder, pois está manietado pelos acordos que todos eles subscreveram com a *troika*.

Em primeiro lugar, é justo afirmar que esta derrota eleitoral nada tem a ver com o desempenho dos candidatos do Bloco pelo círculo de Beja, em particular do nosso cabeça de lista Dinis Cortes, candidato independente que já em 2009 nos honrou com a sua candidatura às europeias, na qual o Bloco atingiu o seu maior resultado percentual de sempre.

Nestas eleições o Bloco apresentou um programa eleitoral detalhado para o distrito de Beja, com sete prioridades bem definidas e realizou uma boa campanha: o ponto alto foi o comício de Castro Verde; Francisco Louçã esteve também na OVIBEJA, viajou de automotora entre Vila Nova de Baronia e Beja e visitou o Festival Islâmico de Mértola; a abertura do “off-shore” no Alqueva foi uma acção simbólica marcante, embora sem cobertura televisiva. As forças no terreno foram escassas, com poucos candidatos a tempo inteiro, mas conseguimos desmultiplicá-las na última semana de campanha, com acções simultâneas que tocaram todos os concelhos.

Os resultados no distrito, contudo, seguiram o padrão nacional, pelo que as suas causas terão âmbito mais geral. Entre estas, importa distinguir as causas conjunturais das estruturais – como as debilidades reconhecidas na nossa militância e organização, com efeitos à vista em 2009, no curto espaço de quinze dias, entre as legislativas e as autárquicas.

Aliás, os resultados de 2011 aproximam-se nalguns concelhos aos das autárquicas 2009 (com variações locais para cima e para baixo), ficando um pouco acima das legislativas 2005 (4,70%) e da candidatura presidencial (4,59%) de Francisco Louçã em 2006. Podemos concluir que o

Bloco consolidou um “núcleo duro” eleitoral de 5% no distrito, o que obviamente não nos satisfaz, face aos 10% nas legislativas de 2009.

A principal causa da quebra de cerca de 50%, a nível nacional, é mesmo a alteração radical da conjuntura política: em 2009 tratava-se de castigar a arrogância do governo Sócrates e de retirar a maioria absoluta ao PS, com o PSD de Manuela Ferreira Leite derrotado à partida. Em 2011, as eleições tiveram lugar sob a chantagem da bancarrota iminente, da ameaça de ruptura no pagamento de salários e pensões, o que criou um clima de medo que dificultou muito a passagem das mensagens alternativas à esquerda.

Apesar disso, o Bloco acertou no conteúdo essencial da sua mensagem – a auditoria e a renegociação da dívida – e Francisco Louçã foi o principal rosto da sua defesa que vai fazendo caminho na opinião pública.

Até Novembro de 2010 o Bloco manteve-se acima de 10% nas sondagens, chegando até aos 12%, em paralelo com uma subida gradual da candidatura presidencial de Manuel Alegre até à casa dos 30%. É a partir de Novembro quando Sócrates deu o “beijo da morte” a Manuel Alegre e este se deixou enredar no apoio ao orçamento do bloco central – “mais vale um mau orçamento que nenhum” – que se dá uma inversão nas sondagens, quer do Bloco, quer de Alegre.

O apoio bloquista à candidatura de Alegre é coerente com o percurso político que passou pelo comício do Trindade e permitiu, em 2009, alargar a nossa influência entre os eleitores socialistas descontentes. Em Novembro 2010 seria impossível e até desastroso mudarmos de rumo sobre as presidenciais. Mas é um facto que o Bloco foi penalizado pela colagem de Sócrates a Alegre e, mais tarde, pelo regresso deste à Comissão Política do PS. Esta constatação é feita *a posteriori*, mas não há dúvida de que esta sucessão de factos produziu os seus efeitos negativos.

Também é verdade que, se tivesse havido segunda volta nas presidenciais, tudo poderia ter sido diferente. Mas a História nunca é feita de “ses”...

As opções tácticas do Bloco após as presidenciais – moção de censura, chumbo do PEC 4 e recusa de branqueamento da reunião com a troika, reunião com o PCP – fazem parte de um caminho coerente, com mais ou menos acertos na forma da sua apresentação e comunicação.

No debate que agora se inicia em todo o Bloco, é necessário aprofundar a análise dos erros cometidos, de forma a aprendermos com eles e evitarmos a sua repetição. Em todo o caso, no quadro de chantagem política sobre o povo português após a assinatura do acordo com a *troika*, os erros e acertos de percurso não alterariam substancialmente os resultados eleitorais.

No debate para que todas e todos estamos convocados, o rigor e a exigência na análise das causas da primeira grande derrota eleitoral do Bloco não deve pôr em causa o caminho político que nos trouxe até aqui, num percurso de vitórias sucessivas sem paralelo na política portuguesa e até na esquerda europeia – isto é, não podemos “deitar fora o menino com a água do banho”.

Fiéis ao nosso apelo fundador, continuamos a “não esperar nada do PS” e não podemos “ficar à espera do PCP”. Sem sectarismos, com a maior abertura à sociedade e ao pulsar dos movimentos sociais, reafirmamos a autonomia estratégica do BE e o seu papel insubstituível na recomposição da esquerda.

O Bloco é a esquerda capaz de crescer para derrotar o choque anti-social da direita e as medidas da *troika*, impondo a renegociação da dívida. Disso já se deram conta os arautos da direita na comunicação social que há muito deixaram de “achar piada” ao Bloco e o tornaram o alvo principal dos seus ataques.

Neste contexto, a Assembleia Distrital de Beja do Bloco de Esquerda, reunida em 19 de Junho de 2011, no auditório do IPJ, decide:

1 – Saudar as candidatas e candidatos pelo círculo de Beja, na pessoa do cabeça de lista Dinis Cortes, agradecendo a sua disponibilidade para darem a cara pelo Bloco nesta batalha política;

2 – Dar seguimento à recomendação da Mesa Nacional para promover uma reflexão profunda sobre a nossa intervenção na resposta à maioria da direita e às necessidades de recomposição da esquerda. Essa reflexão deve ser aberta a todos os protagonistas sociais e políticos à esquerda e é nela que o Bloco encontrará forças para tornar mais densa a sua acção em todas as convergências que se imponham.

3 – Recomendar à Coordenadora Distrital de Beja a promoção de debates abertos e clarificadores do ponto de vista ideológico sobre a crise da dívida, as operações de resgate, as grandes opções e alternativas para a crise europeia, tendo em conta a experiência da Grécia, Irlanda, Islândia, etc.

4 – Promover o esclarecimento e a mobilização dos trabalhadores e das populações contra a ofensiva anti-social que o governo PSD-CDS prepara, no cumprimento do acordo com a troika, nomeadamente nas seguintes áreas:

- Pela defesa do trabalho com condições e da segurança social, dos salários, pensões e prestações sociais;

- Pela defesa de condições de vida condignas e contrariando o processo de desertificação, diremos não ao encerramento de escolas e postos dos CTT, e continuaremos a lutar pela electrificação da linha do Alentejo;

- Reafirmamos a nossa posição de sempre de dizer não à privatização da água e à extinção cega de municípios e freguesias que acentua a desertificação; assumimos como projecto a regionalização; iniciaremos, desde já, a preparação das listas autárquicas, de forma aberta com todos os cidadãos interessados num processo participativo à esquerda;

- Pela defesa dos serviços públicos de saúde e educação e dos direitos dos seus profissionais: contra a privatização e destruição do SNS e a degradação da Escola Pública;

- Dizemos não ao elitismo e ao autoritarismo nas escolas, respeito pelos direitos democráticos dos estudantes – o Bloco de Esquerda dará prioridade ao trabalho com os jovens.